

ÁGUA, FLORESTA, ANIMAIS, PLANTAS E FRUTOS, “TUDO TEM DONO”, TUDO TEM ESPÍRITO MA'AIWA WAZAR: AGROBIODIVERSIDADE DOS QUINTAIS TENTEHAR, ALDEIA OLHO D'ÁGUA, GRAJAÚ, MARANHÃO, BRASIL

WATER, FOREST, ANIMALS, PLANTS, AND FRUITS, “EVERYTHING HAS AN
OWNER”, EVERYTHING HAS A SPIRIT MA'AIWA WAZAR: AGROBIODIVERSITY
OF TENTEHAR BACKYARDS, OLHO D'ÁGUA VILLAGE, GRAJAÚ, MARANHÃO,
BRAZIL.

Neusani Oliveira Ives Felix ^a

Anael Souza Nascimento ^b

Luiza Nakayama ^c

Flávio Bezerra Barros ^d

^a Neusani Oliveira Ives-Felix: Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão-UFMA. Docente na coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais/Química, Grajaú, MA. Foi bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão (FAPEMA). Atualmente é bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Os temas de interesse são: Antropologia rural, Educação intercultural, Sociobiodiversidade, Alimentação, Povos e Comunidades Tradicionais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8370-8933>

^b Anael Souza Nascimento: Pesquisadora no Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict). Atua com apoio técnico no Conselho de Desenvolvimento Econômico Social e Sustentável (CDESS). Doutora e Mestre em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável pelo Programa de Pós Graduação em Agriculturas Amazônicas (PPGAA) no Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (INEAF/UFGA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7734-7665>

^c Luiza Nakayama: Professora Titular Aposentada e Voluntária da Universidade Federal do Pará (UFPA). Chefe do Laboratório de Biologia de Organismos Aquáticos (LABIO). Coordenadora da Sala Verde Pororoca, CEABIO-UFPA e participante do GEAMAZ-UFPA. Os temas de interesse são: Sociobiodiversidade, Etnobiologia e Educação ambiental. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4579-2748>

^d Flávio Bezerra Barros: Professor Associado do Instituto Amazônico de Agriculturas Familiares (Ineaf) da UFPA. Docente permanente nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA/IFCH) e Agriculturas Amazônicas (PPGAA/INEAF). É bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq (Nível 2) – Antropologia. Líder do grupo de pesquisa Biodiversidade, Sociedade e Educação na Amazônia (BioSE/CNPq). Os temas de interesse são: Antropologia da alimentação, Antropologia rural, Etnobiologia e Etnoecologia, Povos e Comunidades Tradicionais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6155-0511>.

RESUMO

Este artigo apresenta a etnovariabilidade de — cultivares, finalidades, modos de preparo e de usos —, bem como, os aspectos cosmológicos em torno do manejo do quintal e dos seres que o povoam. No percurso metodológico utilizamos a observação participante, caderno de campo, entrevistas semiestruturadas e abertas e a turnê guiada com lista livre. Conduzimos o estudo com 10 mulheres donas de quintais na Aldeia Olho D'Água, Terra indígena Bacurizinho, Grajaú, Maranhão. O conjunto de etnovariabilidade de cultivares elencado neste trabalho revela os saberes Tentehar sobre as plantas, sobre o sistema de tratamento de suas enfermidades e sobre seus sistemas alimentares, e, certa dependência desse grupo com os agrossistemas ao seu entorno, bem como, a expertise técnica e especializada no que se refere aos conhecimentos tradicionais ecológicos. Os quintais são lugares de múltiplas interações entre as interespecies visíveis e não visíveis, em um continuum humanos e não humanos, pois entre os Tentehar tudo tem dono, as plantas têm donos, têm seus encantados (Ma'aiwa wazar), que têm condutas próprias e influenciam no modo de agir daqueles que interagem com eles. A multifuncionalidade dos quintais Tentehar aparece ora como parte de um sistema de reprodução sociocultural, ora como um modo particular de manutenção de uma variedade de plantas; ora como promotora de segurança alimentar e de saúde.

PALAVRAS-CHAVE

Agrobiodiversidade; conhecimentos tradicionais ecológicos; encantados; interespecies.

ABSTRACT

This article presents the ethnovariety of cultivars_purposes, preparation methods, and uses_as well as the cosmological aspects surrounding the management of backyards and the beings that inhabit them. In the methodological approach, we used participant observation, a field notebook, semi-structured and open interviews, and guided tours with free listings. The study was conducted with 10 women who own backyards in the Olho D'Água Village, Bacurizinho Indigenous Land, Grajaú, Maranhão. The ethnovariety of cultivars identified in this work reveals the Tentehar knowledge about plants, their system for treating illnesses, and their food systems, as well as the group's dependency on the surrounding agroecosystems and their technical and specialized expertise in traditional ecological knowledge. The backyards are spaces of multiple interactions among visible and invisible interspecies, forming a continuum of human and non-human interactions, as among the Tentehar, everything has an owner. Plants have owners, and they have their enchanted beings (Ma'aiwa wazar), who possess their own behaviors and influence the actions of those who interact with them. The multifunctionality of Tentehar backyards emerges as part of a sociocultural reproduction system, a specific way of maintaining plant variety, and as a promoter of food security and health.

KEYWORDS

Agrobiodiversity; traditional ecological knowledge; enchanted beings; interspecies.

COMO CITAR ESTE ARTIGO

IVES FELIX, Neusani Oliveira; NASCIMENTO, Anael Souza; NAKAYAMA, Luiza; BARROS, Flávio Bezerra. Água, floresta, animais, plantas e frutos, “tudo tem dono”, tudo tem espírito Ma'aiwa Wazar: Agrobiodiversidade dos quintais Tentehar, Aldeia Olho D'água, Grajaú, Maranhão, Brasil. Cadernos do Lepaarq, v. XXII, n. 43, p. 128-156, Jan-Jun, 2025.

Para início de conversa

Este artigo¹ apresenta dados etnográficos acerca da agrobiodiversidade Tentehar presente nos quintais na Aldeia Olho D'Água, destacando as etnovarietades de cultivares suas finalidades, modos de preparo e de usos, bem como os aspectos cosmológicos em torno do manejo desses espaços produtivos e dos seres que o povoam.

Entre os Tentehar, plantas e frutas (*àrabin/Ma'aiwa wazar*) têm espíritos, que são seus donos. Os quintais são lugares em que humanos e não humanos coabitam, e esses últimos, impõem regras, limites a serem respeitados. Neste trabalho, o termo lugar é compreendido a partir da conceituação de Tuan (1983, p. 6), ao considerar as ideias de “espaço” e de “lugar” como interligadas. Para o autor, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar, sendo o espaço “mais abstrato do que ‘lugar’. O que começa como espaço [...] transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Portanto, nesta perspectiva, o conceito de espaço está relacionado à amplitude e movimento, e, o de lugar à pausa, às experiências vivenciadas, aos símbolos e aos sentidos.

Já que entre os Tentehar “tudo tem dono”, tudo tem espíritos, como a água, a floresta, os animais, as plantas, os frutos, o lugar, os encantados têm suas exigências, como não andar debaixo de árvores frutíferas e não coletar frutos bem cedinho da manhã e nem de tardezinha, interdições que devem ser acatadas, pois o seu descumprimento levará os encantados a judiar dos humanos, sendo vingativos e causando doenças em crianças e adultos, pois “jogam o bicho” o *àrabin* na pessoa”. São agentes encantados que atuam como administradores do lugar.

Em relação, a convivência entre humanos e não humanos no universo Tentehar, entende-se que é uma prática que ultrapassa o entendimento simplificado de territórios e propriedades de terras. Em contraponto, de uma visão exclusivamente material, o espaço, como quintais e roças, é coabitado por humanos e espíritos, que desempenham papéis fundamentais na organização e no uso desses espaços coletivos. Este sistema de interações é permeado por uma série de crenças, onde as plantas e frutos não são apenas elementos físicos, mas também entidades espirituais, possuidoras de donos invisíveis.

Semelhante aos Tentehar, em uma comunidade ribeirinha amazônica dispersa ao longo do rio Erepecuru (afluente do Rio Trombetas), os moradores afirmam que todo lugar tem uma mãe.

A mãe é um encantado, a 'dona' do lugar. A mata tem mãe, bem como o rio, a terra, a cachoeira, o corpo humano. [...] e, em certas situações, pode judiar e causar doenças. Sendo assim, o encantado exige que se tenham determinados cuidados a fim de manter o bem-estar humano. [...] Caso contrário, o encantado pode judiar da pessoa, causar doenças (Teixeira, 2006, pp. 123-124).

¹ Este trabalho é um recorte da pesquisa de doutoramento intitulada "Agrobiodiversidade Tentehar na Aldeia Olho D'Água, Maranhão: trajetórias, saberes e práticas", realizada pela primeira autora. Pesquisa apoiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA.

Há registros de encantados nos quintais de outras regiões, como em Mangueiras, município de Salvaterra, no Arquipélago do Marajó - Pará, como explica Peixoto (2019, p. 116-117) que “os ‘donos’ e as ‘mães’ exercem função de ‘administradores dos lugares’” ao se referir às regras estabelecidas pelos não-humanos que habitam o lugar do quintal, “o quintal é símbolo de um universo coabitado por humanos, não-humanos e sobrenaturais, que dialogam e são imprescindíveis em sua composição”.

O conceito de encantado é utilizado aqui a partir da discussão trazida por Teixeira (2006, p. 123) que os consideram como: “um lugar, um animal, uma pessoa, pode estar no fundo, na mata e pode não estar, nem ser nada específico. O encantado é um *continuum* de linguagem, história, valores e de ser; ele está em toda parte e é algo incluído no cotidiano da comunidade”.

A mediação entre os Tentehar e os encantados é realizada pelo pajé, como explica Silvério Velho que: “as plantas têm espíritos, existe mesmo [...] e só o pajé sabe tirar”. Interação que corrobora com as afirmações de Wawzyniak (2003) e Peixoto (2019) ao indicarem os seres encantados como aqueles que impõem uma série de regras para que os humanos possam participar desses lugares e usar o que pertencem a eles.

As mulheres da Aldeia Olho D'Água descrevem os quintais como sendo um espaço grande com muitas plantas, com pés de frutas, bem limpinho, onde se cria animais. É o lugar onde as pessoas passam a maior parte do dia, quando não estão nos roçados e/ou nas matas. É nele que muitas vezes se localiza o fogão de lenha, o fogareiro e o forno de torrar farinha, e, ali é preparada e servida as refeições²; um *manιά* ou uma rede é armada para o descanso: “armam rede e têm deles que dormem debaixo do pau no quintal” (Alveni, julho 2021). É lá que as crianças brincam, que as louças e roupas são lavadas, que o artesanato é trançado, que as farinhas azeda e a tradicional são confeccionadas, que as conversas sobre as matas, as caças e as roças acontecem. É no espaço do quintal que ocorre o ritual da saída da *tocaia* da menina-moça e as festas da promessa em oferenda aos mortos, dentre outras. E, é lá que a sociabilidade é vivenciada, que visitas são realizadas, pois, dificilmente as pessoas são convidadas a adentrar o interior de uma casa.

É nos quintais que muitas das interações naturezas-culturas coexistem, pois lá estão: as plantas domesticadas e nativas, os animais domésticos e outras espécies não domesticadas e as coisas do universo invisível (Peixoto 2019; Teixeira 2006), os donos das plantas e a cobra de duas cabeças e, dentre outras espécies que coexistem naquele espaço. Entre os Tentehar, a menina-moça, no período de sua primeira menstruação, é perseguida pela cobra de duas cabeças. O animal se apresenta à menina na forma de um belo rapaz que a enfeitiça e pode levá-la a morte, por isso, uma série de regras de proteção são seguidas, dentre elas, a reclusão por 7 dias consecutivos, a pintura com a tinta de jenipapo em todo e/ou na maior parte do corpo da menina a fim de camuflá-la, interdição alimentar, não pisar no chão e usar colares. Em Jauari, comunidade ribeirinha amazônica, dispersa ao longo do rio Erepecuru, se a pessoa se deparar com o ser

² Ressaltamos que além dos fogões de lenha e dos fogareiros, o fogão a gás (GLP), já se faz presente em algumas residências. Esclarecemos ainda que não são todas as moradoras que preparam e servem as refeições no quintal.

encantado pode adoecer gravemente e até chegar à morte ou “encantar-se, transformando-se assim em um ser de ‘ordem’ semelhante ao encantado” (Teixeira, 2006, p. 126). A menina-moça Tentehar se encontrar a cobra de duas cabeças ela ficará encantada, enfeitiçada, se gesticula à semelhança de uma cobra, retorcendo o seu corpo, deixa de se alimentar e pode ficar louca ou morrer. O processo de metamorfose, de transformações de corpos, elementos apresentados pelos Tentehar ao se referir a cobra de duas cabeças, traz uma relação com o perspectivismo ameríndio em que o corpo aparece como diferenciador nas cosmologias amazônicas, pois o que se acha são: “humanos vestindo roupas animais e tornando-se animais, ou animais despindo suas roupas animais e revelando-se como humanos” (Viveiros de Castro, 2004, p. 247). A interação natureza-cultura compreendida como ontologicamente inseparável é reveladora de formas diversas de estar e habitar o mundo, as quais estão em constantes transformações (Ingold, 2000).

Os quintais Tentehar são espaços multifuncionais onde uma diversidade de práticas produtivas e socioculturais são realizadas pelas famílias. A abordagem da multifuncionalidade para os quintais é trazida por Amaral (2014) que destaca entre as principais funções dos quintais para as agricultoras tradicionais da Baixada Cuiabana: a socioeconômica; a manutenção dos modos de vida local; a conservação ambiental e da agrobiodiversidade e a promoção da segurança alimentar das famílias com o papel do autoconsumo dos quintais.

Os objetivos deste artigo são descrever etnovarietades de cultivares-, modos de preparo e de usos presentes em quintais na Aldeia Olho D’Água e refletir sobre os aspectos cosmológicos em torno do manejo de plantas do lugar, destacando elementos presentes nas relações interespecíes que coabitam o mesmo espaço, impondo regras e interdições.

Metodologia da pesquisa

O local da pesquisa foi a Aldeia Olho D’Água, localizada na Terra Indígena (TI) Bacurizinho, situada no município de Grajaú-MA (Figura 1), que faz parte do povo Tentehar, grupo étnico falante da Língua Tupi Guarani (Rodrigues, 1986) e da Língua Portuguesa; esta última resultante de ações violentas da política de colonização (Silva 1980; Almeida, 1997). No Maranhão, os Tentehar estão localizados geograficamente na região central do estado, onde é a maioria (Melatti 2007; Gomes 2002).

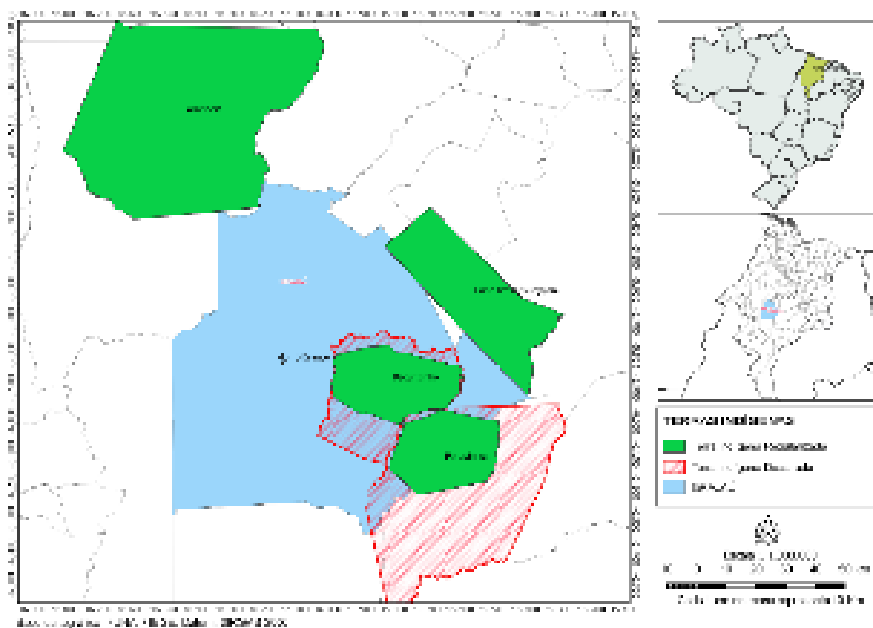


Figura 1: Localização TI's da região do município de Grajaú - MA.

Fonte: Pesquisa de campo (2018-2022).

Créditos: Mapa elaborado pela primeira autora

No percurso metodológico deste trabalho inserimos a observação participante, o uso do diário de campo, entrevistas semiestruturadas e abertas, e a turnê guiada com lista livre, com 10 mulheres donas de quintais.

O olhar, o ouvir e o escrever (Oliveira, 2000) serviram de guias na prática da observação participante e permitiram o exercício da reflexão epistemológica na interpretação da realidade sociocultural pesquisada. A textualização da experiência do olhar e de eventos empíricos é, portanto, desafiante no fazer antropológico, sendo a “textualização da cultura, ou de nossas observações sobre ela um empreendimento complexo” guiado por categorias básicas da antropologia, o “sistema conceitual, de um lado, e, de outro, os dados - nunca puros” (Oliveira, 2000, pp. 26-27).

A entrevista é considerada uma técnica, por excelência, na coleta de narrativas orais, e “está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois esta implica sempre num colóquio entre pesquisador e narrador” (Queiroz, 2008, p. 43). A partir de narrativas de experiências singulares o sujeito comum é visibilizado e, sua fala constrói e preserva a memória de uma mesma coletividade (Gonçalves e Lisboa 2007; Queiroz 2008). Portanto, a entrevista é compreendida neste artigo, como as variadas conversas que tivemos com mulheres donas de quintais, algumas gravadas e outras feitas anotações no diário de campo, pessoas que têm relações duradouras estabelecidas com as roças, as capoeiras e os quintais.

Realizamos o levantamento de variedades de plantas manejadas em 14 quintais da aldeia a partir de turnês guiadas com lista livre (Albuquerque et al., 2010), mas por uma questão de organização dos resultados, optamos por apresentar os dados coletados em 10 quintais. A técnica

da lista livre consistiu em as interlocutoras listarem as plantas presentes nos espaços de cultivo. As mulheres entrevistadas são aquelas com as quais mantivemos diálogo durante os anos de 2018 a 2022, período em que a etnografia foi realizada, e, com algumas delas até os dias atuais. A partir das turnês guiadas e das conversas estabelecidas neste caminhar junto às donas dos quintais pudemos acessar elementos mais densos sobre a agrobiodiversidade local

Diante dos desafios colocados para o antropólogo no campo e na prática do fazer etnográfico, a interpretação do *outro* e a textualização de vidas alheias, perpassam por negociações entre pesquisador e pesquisado na busca de encontrar formas mais honestas e menos colonizadoras de traduzirmos os olhares, os sons e os silêncios com os quais nos defrontamos no encontro com o *outro*.

Caminhando pelos quintais

Dentre as atividades que garantem a reprodução física dos moradores da aldeia, a prática da agricultura se sobressai, com o manejo de roças e de quintais. Neste último, o cuidado com as plantas e com as criações de animais (porcos, patos, galinhas, capotes, gado, entre outros). Nesse contexto, na companhia de mulheres caminhamos por 10 quintais de 12 famílias extensas. Durante as caminhadas e estadias pelos quintais, as narrativas orais da maioria das mulheres versaram sobre os cuidados, os modos de uso, a diversidade de cultivares e os seus donos (*àrabin*) não-humanos.

Desse modo, é preciso entender que a organização territorial nas áreas indígenas, especialmente em contextos com aldeias e uso comunal, é fluida e dinâmica. A organização social dos povos Tentehar é baseada em famílias extensas reunidas por laços de parentesco (Zannoni, 1999). Em uma mesma aldeia pode haver uma ou mais famílias extensas, para Almeida (2014, s/p) as famílias “são núcleos autônomos que possuem em si mesmas as características necessárias para o funcionamento do jeito de ser Tentehar. Uma família pode, facilmente, constituir uma nova aldeia, ou articular-se com outras e ampliar seus laços de troca e circulação de bens”.

Portanto, os quintais podem se caracterizar como locais de apropriação compartilhada, mas com uma organização diferenciada. Os donos humanos dos quintais são, geralmente, as famílias extensas e/ou nucleares, que se tornam responsáveis por esses espaços por meio de um processo de pertencimento que envolve tanto o vínculo familiar e étnico quanto as normas e interditos sociais e espirituais. A propriedade dos quintais, portanto, não é exclusiva no sentido convencional, mas sim compartilhada de acordo com um sistema de pertença social e de negociação entre humanos e não humanos. As famílias podem se tornar “donas” de um quintal através do seu uso contínuo e do respeito às normas que regem a organização social do grupo. A delimitação desses espaços, então, é tanto social, quanto espiritual, com regras que vão além das divisões físicas, considerando a relação com os seres invisíveis que também “possuem” esses territórios.

Ademais, no quesito posse dos quintais, que ocorre dentro das estruturas de organização

política desse grupo social, e, que vão desde o pertencimento étnico à constância no uso destes pelas famílias extensas. Os quintais podem ser passados entre gerações ou repartidos entre diferentes membros da família extensa. O pertencimento a um quintal não é realizado de forma rígida e individual, mas compartilhado dentro da unidade da família, onde cada membro pode exercer diferentes formas de cuidado e manejo do quintal. O uso não é estritamente exclusivo no sentido de propriedade privada, mas há uma gestão familiar que delimita quem pode plantar, colher e decidir sobre o manejo do espaço. Como se trata de uma comunidade baseada em relações extensas de parentesco, há um entendimento comum sobre os limites e direitos de uso dos quintais, evitando conflitos.

A relação entre os 10 quintais analisados e as 12 famílias extensas se dá pela forma coletiva e interligada de ocupação. Em algumas situações, um mesmo quintal pode ser compartilhado por mais de uma família extensa, ou membros de diferentes famílias podem atuar em um mesmo espaço produtivo. Os tamanhos das áreas de domínio das famílias extensas não são padronizados, a extensão territorial de um quintal, por exemplo, se relaciona sobretudo com o tempo que a família reside naquele espaço e com a distância que este fica da sede da aldeia.

Na (Figura 2) é possível observar um quintal e a famílias que tem o usufruto das suas multifuncionalidades.

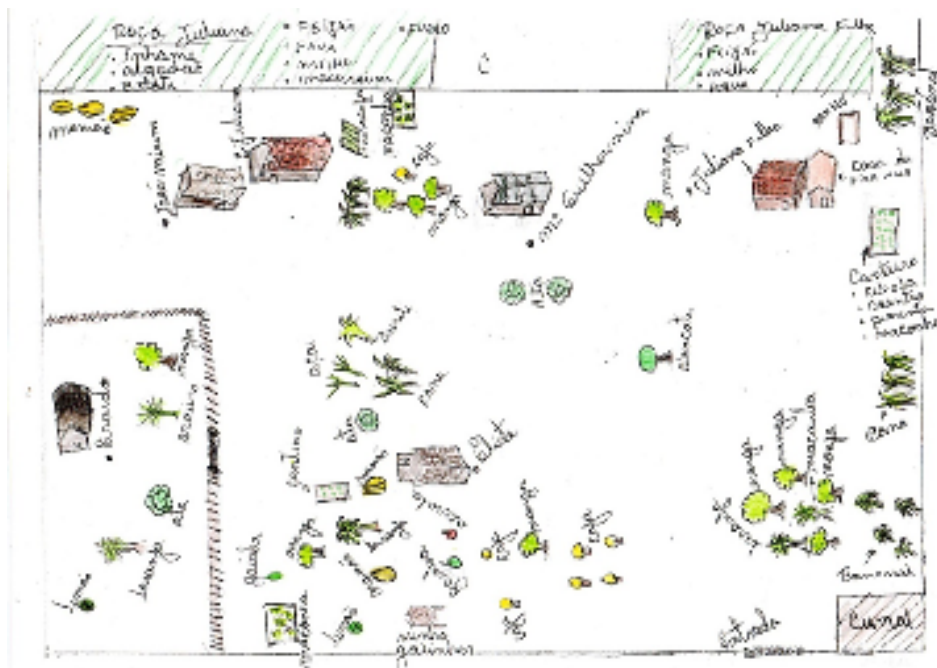


Figura 2: Parte de uma área de domínio familiar de Juliana Velha

Fonte: Pesquisa de campo, anotações de caderno de campo (2021).

Créditos: José Valdenilson Felix (2021).

A experiência de territorialidade na aldeia Olho D'Água nos remete ao que Little (2002, p. 261) destaca, “unidades de parentesco funcionam também como unidades territoriais” ao mencionar as múltiplas experiências de territórios sociais entre as sociedades indígenas do Alto Amazonas. São processo sociais de territorialização em que existem conflitos e separações internas,

como parte da organização de ocupação territorial do grupo, que ao longo do tempo se consolidou em espaços de sociabilidade familiar e identitário.

No desenho (Figura 3) vê-se dispostas no quintal mangueiras carregadas de frutos e com suas copas esverdeadas, que generosamente distribuem sombra aos seus moradores.



Figura 3: Recorte do quintal de cacique Inês.

Fonte: Pesquisa de campo (2018-2021).

Créditos: Raian Guajajara, 2019.

Dentre os pés de mangas, há aqueles que foram plantados por moradores antigos, que atualmente já não moram no lugar, como o pé de manga de Timir. A história do nome dessa frutífera é descrita pela interlocutora como:

Pé de manga de Timir. Timir não é o nome da manga é o nome da velhinha que tinha uma casa ali no quintal da mãe [que hoje é da mãe da interlocutora]. Quando eu cheguei na aldeia eu tinha seis anos, se bem me lembro, seis ou sete anos, então a minha mãe fez a casa aí em cima. Tinha a aldeia lá embaixo, aonde é a casa da Joana, [...], a rua era ali e a mamãe fez a casa dela, lá em cima, só tinha uma veredinha para ir lá. A mamãe fez a casa ali onde é a casa do Mauro, [...]. Lá para cima já tinha a casa da Timir, que é aonde tem esse pé de manga que nós chamamos de pé de manga da Timir, porque ela tinha plantado. [...]. Pois, todos mudaram e ficamos apenas nós por aqui, [...] a mãe e os filhos todos pequenos, então os filhos foram casando e aumentando a aldeia. E, lá na parte de cima, também ficou só a Senhora Timir, mas depois ela abandonou tudo e foi embora também, então ficou este pé de manga dela, que é o pé de manga da Timir, acho que têm outros pés de manga que ela deixou. (Inesinha, março 2020). Complemento nosso.

Conhecermos a história associada às plantas, como o pé de manga da Timir, os seus no-

mes e os seus donos humanos, é também conhecer a história do lugar e das pessoas que ocupam aquele espaço juntamente com as plantas.

Para Emperaire e Eloy (2008) conhecer a história das plantas pode possibilitar o aprofundamento do sentido das interações entre plantas, espaços e indivíduos. A história das plantas é relevante para a compreensão dos motivos delas estarem em um dado lugar, como também, por permitirem embrenhar-se nas trajetórias de vida das pessoas e suas relações com as espécies vegetais da paisagem que participam (Robert et al. 2012; Emperaire e Eloy, 2008).

Nos quintais, estão presentes cultivares, como macaxeira, mandioca, batatas doces, bananas, acerola, condimentares, dentre outros. Entre as plantas nativas do quintal, os pés de jucá, de mutamba, de ingarana, de aroeira, de moreira e de cedro, que na estação chuvosa (novembro a abril) estão carregadas de muitas folhagens que se alteram de acordo com a estação do ano. Por exemplo, no período seco (maio a outubro), o pé de mutamba fica sem nenhuma folha, apenas com os frutos pendurados em seus galhos.

Os cuidados diários com os quintais são realizados na maior parte por mulheres, como plantar, replantar, experimentar novas sementes, preparar mudas, adubar, regar, limpar e coletar. Os homens desempenham as funções como, construir um chiqueiro para os porcos, um cercado de arame farpado, liso e/ou de madeira para a proteção das plantas, um canteiro para o cultivo de condimentares, dentre outros.

Estudos têm mostrado que o manejo de quintais, de atividades agrícolas em geral, como apresentadas neste trabalho, tem se constituído domínio de mulheres³. Mekonen et al., (2015) afirmam que na Etiópia o manejo de quintais é gerido entre os membros da família, no entanto, o maior número de funções é desempenhado por mulheres. Mota et al., (2021) inferem sobre as contribuições das mulheres rurais para a soberania e segurança alimentar e nutricional dos povos.

O processo de adubação das plantas é feito com o uso de terra queimada com folhas de árvores frutíferas, como a manga, carvão triturado, sendo geralmente pedaços bem pequenos de carvão que restaram no fundo dos recipientes que os condicionavam, e esterco de boi e de ovelhas, dentre outros. A respeito do uso de adubo nas plantações, a cacique Inês faz a seguinte ponderação:

Aqui não precisamos de adubo porque a terra é boa. Às vezes uso um pouco dessas terras de folhas de manga queimadas, que também acho bom. O estrumo de gado tem um problema, se você vai botar num canteiro, você tem que primeiro encher um saco com o estrumo de gado e ficar molhando um tempo até o cocô do gado ficar bem lavado, sair toda a urina, é que você pode usar. Se usar ele sem lavar pode matar as plantas, porque a urina do gado é muito forte. (Cacique Inês, setembro de 2019).

³ Sobre a participação do gênero feminino em atividades agrícolas, como no manejo de quintais e de roçados, ver os estudos de: Woortmann (1992); Ferreira e Sablayrolles (2009); Almeida e Gama (2014); Mekonen et al., (2015); Mota et al., (2021), dentre outros.

A ponderação feita pela interlocutora é corroborada por outras mulheres da aldeia: o cuidado exigido na utilização do esterco de boi demonstra saberes, sensibilidade e zelo na práxis do manejo de plantas dos quintais.

A circulação das variedades de espécies acontece por meio de trocas e/ou doações por parte de parentes e de vizinhos, tendo outros casos em que os cultivares são adquiridos por meio de compra de sementes. Muitas das etnovariedades presentes nos quintais estudados são de origem local, e, há os de origem externa. Joana conseguiu algumas das mudas de seus cultivares, como as de cajueiros, externamente. Outras variedades são resultantes da circulação no interior da própria aldeia, de trocas ou doações, como afirma que: “elas vêm de vários lugares, as crianças trazem uma mudinha encontrada embaixo das árvores, como pé de manga [...], trouxe da casa da minha irmã a muda de acerola. (Joana, setembro 2019).

Os Tentehar gostam de diversidade. Mudanças e sementes são testadas, experimentadas, trocadas, doadas, adquiridas externamente e cultivadas em seus quintais, seja por curiosidade ou necessidade. Como os agricultores Krahô que têm “grande apreço pela diferença e estão sempre trocando e adquirindo novas mudas e sementes. As plantas vindas de fora também são bastante valorizadas, sendo constantes as experimentações e incorporações de novas espécies [...]” (Lima 2018, p. 170). Essas dinâmicas são regidas por uma vontade incessante de tornar cada vez mais seus quintais diversos, mas também envolve elementos de curiosidade, fortalecimento de laços afetivos e sociais.

As etnovariedades dos quintais

No Quadro 1, são registradas as etnovariedades presentes em 10 quintais com os nomes locais e indígenas. E, apresentado de forma sintetizada a descrição das finalidades, de tipos de uso, modos de preparo e de obtenção de produtos e subprodutos a partir das plantas manejadas.

Nome popular	Nome indígena<?>	PU	US	FU	MP e MO
Caju Caju amarelo comprido Caju amarelo maçã Caju amarelo arredondado Caju banana amarelo Caju vermelho comprido Caju vermelho redondo maçã	Akazu	Pf	Ah	Comer	In natura Cozer: doce do pseudofruto
		Pf	Ah	Beber	In natura, bater no liquidificador, fazer suco e refresco
		Fr	Ah	Comer	Torrar
		Pf	Mh	Beber	Água do pseudofruto, in natura. Função: anti-inflamatório e cicatrizante.
		Pf	Mh	Lavar	Higienizar o local ferido com água do pseudofruto, in natura. Função: anti-inflamatório e cicatrizante.
		Fr	Mh	Comer	Torrar e triturar; o pó produzido deve ser peneirado. Com o pó fazer chá. Função: tratamento de pneumonia.
		Fr	Mh	Aplicar	Assar a castanha até soltar um líquido viscoso de cor escura; retirá-lo e reservá-lo. Função: tratamento de frieiras.
		Fr	Ma	Aplicar	Assar a castanha até soltar um líquido viscoso de cor escura; retirá-lo e reservá-lo. Função: tratamento do gogo de caroço (doença que afeta aves de criação) nos olhos de galinha.
		Fo	Mh	Beber	Chá da folha novinha (brotinho). Função: tratamento de diarreia.
		Tr	Mh	Bochechar lavar, beber	Raspar a parte interna da casca, obtendo um líquido. Outra forma de obtenção é colocar a casca do tronco de molho em água e deixar descansando. Função: anti-inflamatório e cicatrizante para ferimento bucal e na retirada de dente.
Cajá	Tawewa	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fr	Ah	Beber	In natura, bater no liquidificador, fazer suco e refresco.
		Fr	Mh	Beber	Tirar a entrecasca e colocar de molho na água. Tomar o líquido. Função: tratamento da diabetes.
Cajuí	akazu'i	Pf	Ah	Comer	In natura, mais doce que o caju.
		Pf	Ah	Beber	In natura, bater no liquidificador, fazer suco e refresco.
Aroeira	ywira'a ro yw	Tr	Mh	Beber	Colocar a casca de molho na água e deixar ficar vermelho. Fazer garrafada. Função: desinflamar o útero. Colocar a casca de molho na água, juntamente com o cipó, por aproximadamente uma hora. Função: tratamento de diarreia com sangue e com cólica.

Manga Manga espada Manga fiapo Manga cajá Manga coração de boi Manga de cheiro Manga de mesa Manga moça Manga pequi Manga rosa	Màg	Fr	Ah	Comer	In natura
		Fo	Mh	Beber	Preparar chá com folhas de manga e de goiaba. Função: tratamento de diarreia
		Tr	Mh	Beber	Raspar a casca do tronco e separar o sumo. Função: tratamento de diarreia.
		Tr	Mh	Lavar	Retirar a entrecasca do tronco e colocá-la de molho em água. Lavar ferimentos. Função: cicatrização.
Ata	s/t<?>	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fo	Mh	Beber	Chá. Função: tratamento de tontura
Condessa	tair nyw	Fr	Ah	Comer	In natura.
Graviola	s/t	Fr	Ah	Comer Beber	In natura. Suco.
		Fo	Mh	Beber	Chá. Função: tratamento da diabete e “bom para os rins”.
Pimenta de macaco	taz ka’i	Fr	Ah	Comer	In natura. Triturar pimenta de macaco, com alho e o sal. Função: temperar os alimentos.
		Fr	Mh	Beber	Colocar o fruto no vinho ou na cachaça. Deixar de molho por uns três dias. Função: tratamento de dor entre as escápulas, “dor de entruzidade”.
Erva doce	s/t	Fo	Ah	Beber	Chá da folha com açúcar, para substituir o café.
		Fo	Mh	Beber	Chá da folha com açúcar. Função: controlar a pressão arterial.
Coentro Coentro do Pará	Kuentro	Fo	Ah	Comer	Preparar/temperar alimentos, consumi-lo in natura ou cozido.
		Fo	Mh	Beber	Chá do coentro com coronha. Função: tratamento de convulsão.

Coco da praia Coco da praia amarelo	Wàhuhu	Fr	Ah	Comer	In natura.
Buriti	myryxi'a	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fr	Ah	Beber	Bater a polpa no liquidificador ou machucar na mão para fazer suco.
		Fr	Mh	Aplicar	Extrair o óleo. Função: cicatrizante.
		Fo	Ar	Fabricar	Retirar a parte superficial do talo. Função: "pau do buriti" para tear.
Buritirana	Murytyrana	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fr	Ah	Beber	Bater a polpa no liquidificador ou machucar na mão para fazer suco.
Jambo	s/t	Fl Fo	Ah	Comer	In natura.
Cojuba	Kuz	Fr	Mh	Beber	Preparar um chá da polpa e das sementes. Função: Abortiva.
		Fr	Pa	Fabricar	Colocar água dentro do fruto por vários dias até o miolo amolecer, o casco do fruto deve estar bem seco. Retirar toda a polpa e as sementes do interior do fruto através de um pequeno furo e com auxílio de uma vareta. Depois de limpo, colocar o casco no sol até secá-lo. Função: confecção de maracá. Cortar ao meio o fruto maduro, mas não seco. Retirar a polpa e as sementes. Função: confecção de cuia e/ou palheta, para mexer farinha no forno.
		Ar	Mi	Andar	Mulher grávida que passar sob a árvore e ela estiver carregada de frutos, todos caem.
Urucum	Uruku	Se	Ah	Temperar	Fritar as sementes no óleo e misturar com a farinha branca. Triturar e peneirar, se tornando uma massa bem fininha. Fritar as sementes na gordura quente. Espera soltar a tinta e retirar os caroços. Usar a tinta na comida, para temperar.

Jucá	Zuka	Tr	Mh	Beber	Colocar a casca na água, até que as propriedades da casca passem para a água. Função: tratamento da diarreia, de inflamação de útero e de garganta.
		Fr	Mh	Lamber	Esmagar a vagem e peneirá-la e colocá-la no mel. Função: tratamento de garganta.
Jatobá	Zutaiwa	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Tr	Mh	Beber	Colocar a casca de molho na água, por 24 h. Coar o líquido e acrescentar um pouco de açúcar; colocá-lo ao sol, por 24 h. Tomar 2 ou 3x ao dia. Função: anti-inflamatório, tratamento de anemia e regulador de menstruação.
		Fr	Mh	Beber	Ralar a casca e misturá-la no liquidificar com mel e ovos. Função: tratamento de tosse.
		Re	Mh	Pingar	Colocar a resina no fogo, para amolecer, acrescentar água e coar; guardar em um recipiente contra gotas. Função: limpar a visão e tratar catarata.
Maconha	Petyràn	Fo Se	Mh	Beber	Fazer chá da folha e/ou das sementes. Função: tratamento de derrame, dor de barriga, insônia e para diminuir o fluxo menstrual.
		Se	Mh	Beber	Colocar a semente triturada em aguardente. Função: tratamento de derrame.
		Se	Mh	Massagear	Colocar a semente triturada em aguardente. Função: Massagem nos braços, nas pernas e nas mãos, com dormência.
		Fo	Al	Fumar	Prensar a folha, para fazer um tipo de cigarro.
Mamão Mamão amarelo Mamão rosa Mamão vermelho	zàràkàxihu	Fr	Ah	Comer	In natura.
Mastruz	s/t	Fo	Mh	Aplicar	Pisar e colocar sobre o ferimento. Pode misturar o sumo da folha do mastruz com o sumo da folha de algodão ou sumo da folha grossa. Função: anti-inflamatório e para emendar osso quebrado.
Amêndoa vermelha Amêndoa branca	amen ipiràg	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Ar	Mi	Plantar Morar	Plantar ou morar próximo a essa árvore. Função: afastar a pessoa daquele lugar.
Coração de nego	ià'à	Tr	Mh	Beber	Retirar a casca do tronco e colocar de molho. Pode ser ingerida uma vez ao dia. Função: tratamento contra a diarreia e câimbra de sangue.

Batata amarela Batata branca Batata roxa	Zytyk	Tu	Ah	Comer	Cozer ou assar.
Folha grossa		Fo	Mh	Beber	Triturar a folha e mistura com mastruz, folha de algodão, semente de abóbora. Função: anti-inflamatório. Passar no liquidificador, juntamente com a folha de mastruz, três dentes de alho e a semente da abóbora, depois coar e guardar o sumo, na garrafa. Função: tratamento pós-operatório.
Maxixe	s/t	Fr	Ah	Comer	Cozer com outros alimentos.
Jerimum	Zurumu	Fr	Ah	Comer	Assar ou misturar na carne.
Cipó de escada	Ywypo	Tr	Mh	Beber	Descascar e pisar o cipó. Tira umas pequenas tiras e põe de molho, por mais ou menos uma hora. Função: Tratamento de diarreia.
		Tr	Cr	Construir	Usar para amarrar caibros e para amarrar talos para colocar barros e levantar paredes, das casas.
		Tr	Cr	Construir	Suas ramas formaram uma casa, as quais servem de galinheiro.
Pinhão roxo	piàw'yw	Tr	Mh	Gargarejar	Retirar o leite que sai do tronco. Função: anti-inflamatório.
		Pl	Mi	Proteger	É bom para evitar olho grande, inveja. Para não ter inimigos.
		Pl	Mi	Acalmar	Banhar. Função: calmante para criança.
Pinhão branco		Fr	Pr	Limpar	Misturar com soda cáustica e sebo. Cozinhar, formando um tipo de sabão.
Macaxeira branca	Makaxer	Ra Ah		Comer	Cozer na água. Serve como ingrediente para outros pratos salgados. Pode também ser ralado cru no caititu; a massa serve para produção de bolos, beiju e farinha azeda.
Macaxeira preta					
Mamona	ma'ýwàkàzàn	Se	Pc	Embelezar	Extrair o óleo. Passar no cabelo.
		Se	Mh	Aplicar	Extrair o óleo e colocar em cima do local com ferida. Função: cicatrizante.
Mandioca jaibara Mandioca raiz branca Mandiocaba	mani'ok	Ra	Ah	Comer	Fazer a farinha e o bolo mané de puba. Ralar a raiz e colocar a massa em um saco de pano, para escorrer o líquido, o qual serve para fazer o mingau. Consumir no Rito de Iniciação Feminina.
		Ra	Ah	Comer	
		Ra	Mi	Comer	

Catinga de porco	tàzuràn ywya'yw kàxig	Tr	Mh	Beber	Retirar a casca do tronco e por de molho. Pode ser ingerida 3X ao dia. Função: tratamento de problemas do útero, como inflamação, corrimento.
Fava-do-divino Fava-orelha-da-vovó Fava-redondinha- pequena- branca	Hupe	Se	Ah	Comer	Cozer e misturar com arroz; cozer para fazer caldo.
Maravilha	s/t	Fl	Mh	Beber	Chá. Função: tratamento para problema de coração.
Ingá	s/t	Fr	Ah	Comer	In natura.
Tamarindo	Tamarin	Fr	Ah	Beber	Retirar polpa. Preparar suco e refresco.
		Fr	Mh	Beber	Misturar a polpa do fruto, com água. Função: Tratamento de gordura no fígado.
		Fo	Mh	Beber	Chá das folhas. Coar e guardar em uma garrafa. Função: tratamento de diabetes.
Manjerição	s/t	Fo	Mh	Banhar Beber	Chá. Quando a água estiver amarelada, deixar esfriar. Função: realizar banho na mulher que quebrou o resguardo e dar um copo do líquido para beber. Chá das folhas juntamente com alfavaca. Quando a água amarelar, deixa esfriar. Função: realizar banho em pessoa resfriada.
Alfavaca	tupàn ka'a	Fo	Mh	Beber	Chá. Função: tratamento da gripe. Chá com folhas de manjerição. Função: tratar resfriado.
		F	Ah	Comer	Escaldar um frango, com as folhas. Para retirar o cheiro do frango.
Erva cidreira	ka'a	Fo	Mh	Beber	Chá. Função: baixar a pressão arterial, controlar os nervos, aliviar mal-estar no estômago.
		Fo	Ah	Beber	Chá com açúcar, para tomar pela manhã, para quem não toma café.
Abacate	maywa kà'i	Fr	Ah	Comer Beber	In natura ou em vitamina (polpa e leite) e misturado com farinha.
		Se	Mh	Beber	Retirar lascas do caroço e colocar de molho, por três dias. Beber o líquido. Função: tratamento de inflamação renal.
Babosa	s/t	Fo	Mh	Tomar	Retirar a polpa e colocá-la ao sol. Quando secar, acrescentar um pouco de goma, para fazer pílulas. Função: tratamento da gripe.
		Fo	Pc	Aplicar	Retirar a polpa e colocá-la diretamente no cabelo. Misturar a folha inteira triturada com condicionador (creme de cabelo). Função: hidratação.
		Fo	Mi	Guardar	Guardar a parte cortada do cabelo entre as folhas da babosa. Função: crescimento do cabelo rápido e saudável.

Cebola de folha Cebolinha Cebolinha de folha	ma'ýwànemuhu	Fo	Ah	Temperar	Picar e colocar nos alimentos cozidos e/ou não.
		Fo	Ah	Temperar	Picar e colocar nos alimentos cozidos e/ou não.
		Fo	Ah	Temperar	Picar e colocar nos alimentos cozidos e/ou não.
Enxerto de passarinho	s/t	Fl	Mh	Beber Aplicar	Ingerir o sumo da folha triturada. Função: anti-inflamatório. Colocar as folhas trituradas em cima da parte do corpo machucada. Função: anti-inflamatório.
Acerola	s/t	Fr	Ah	Beber Comer	In natura ou triturar, para fazer sucos, refrescos e doce.
		Fo	Mh	Beber	Chá das folhas verdes. Tratamento: combate à febre.
Algodão	Amanezu	Fo	Mh	Beber	Misturar o sumo da folha de algodão com o sumo da folha de mastruz, ou apenas a folha de algodão. Função: tratamento pós-cirúrgico.
		Fo Fr Se	Mh	Beber	Triturar o capucho (semente com o algodão). Acrescentar leite de peito. Função: tratamento de gripe de criança. Triturar a folha de algodão, juntamente com a semente, até ficar molinha. Função: tratamento da tosse. Retirar o leite do caroço de algodão, pisando-o. Função: tratamento de tosse.
		Fo	Mh	Aplicar	Amornar a folha do algodão e espremer no ouvido. Função: tratamento de dor de ouvido.
		Fo	Mh	Lamber	Juntar o sumo da folha do algodão com mel e pedras de fogo em uma bacia de alumínio, virando um tipo de xarope. Função: tratamento de gripe.
		Se	Pa	Fiar	Fiar a linha, a partir do caroço do algodão, para fazer a linha no fuso e da linha, o manιά e para fazer pavios de lamparina.
Mutamba	s/t	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fr	Aa	Comer	In natura, para o gado.
		Tr	Mh	Aplicar	Retirar a casca do tronco da mutamba. Extrair a gosma com lascas na casca. Função: tratamento da erisipela.
Quiabo	Kyabo	Fr	Ah	Comer	Cozido sozinho ou misturado em carnes, feijão, arroz.
Malva	s/t	Pl	Pa	Varrer	Secar vários pés. Amarrá-los formando uma vassoura. Colocar um cabo de madeira. Serve para limpeza dos quintais e casa.

Angico	Kurupaiw	Tr	Mh	Lamber	Cozinhar a casca do tronco com açúcar e água. Esperar ficar com consistência de melado. Função: tratamento de gripe.
		Tr	Ma	Beber	Colocar a casca do tronco de angico de molho na água, por uns três ou quatro dias, para a galinha beber. Função: evitar o gogo nas galinhas.
		Ma	Co	Queimar	Cortar a madeira, colocar na caieira. Função: Produção do carvão vegetal.
Boldo da folha fina Boldo da folha grossa	ka'a ro	Fo	Mh	Beber	Chá. Função: tratamento de problemas no fígado.
Jaca	s/t	Fr	Ah	Comer	In natura
Amora	s/t	Fo	Mh	Beber	Fazer o chá da folha em dois litros d'água e deixar ferver até reduzir a um litro. Tomar 3X ao dia. Função: amenizar os sintomas da menopausa e tratamento da diabetes.
Moreira	s/t	Tr	Mh	Beber	Fazer lascas na casca do tronco, para sair a seiva o qual é misturado com um pouco de água para ser ingerido. Função: Liberação de catarro do peito.
		Tr	Mi	Extrair	Sair de casa, de manhã cedo, sem falar com ninguém. Em silêncio e sem olhar para o olho (broto) da árvore, extrair a seiva por meio de incisões na casca. Função: Ritual para obter o leite.
Banana Banana casca verde Banana coruda Banana murici Banana nanica Banana nanicão Banana pacovan Banana prata Banana roxa	pako	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Tr	Mi	Inserir	Colocar o cabelo entre o tronco e as folhas. Função: cabelo crescer rápido e belo.
Goiaba Goiaba vermelha	Weaw	Fr	Ah	Comer	In natura ou fazer doce, retirando a semente do fruto e cozendo com água e açúcar.
		Fo	Mh	Beber	Ferve as folhas verdinhas (brotos) na água, sozinha ou com outras folhas. Função: Tratamento de diarreia.
Jabuticaba	zawxyi ywyrá y'a kwer	Fr	Ah	Comer	In natura.
Jambo	s/t	Fr	Ah	Comer	In natura.
Azeitona	s/t	Fr	Mh	Beber	Retirar a casca e colocar de molho na água. Função: controlar a diabetes.

Carambola	s/t	Fr	Ah	Comer	In natura
		Fr	Mh	Beber	Fazer suco. Função: bom para os rins.
Maracujá pequeno Maracujá grande	Murukuza	Fr	Ah	Comer	In natura e suco
		Fo	Mh	Beber	Chá de duas folhas amarelas e tomar. Função: calmante e tratamento da insônia.
Gergelim preto Gergelim branco	s/t	Se	Ah	Comer	Torrar e triturar, para fazer paçoca.
	s/t	Se	Mh	Comer	Misturar a semente triturada com água. Função: evitar aborto espontâneo.
Inhame	Kara	Tr	Ah	Comer	Cozer misturado com carne.
Tipi	s/t	Fl	Mh	Aplicar Cheirar	Colocar a folha verde no álcool junto com a alfavaca e com o manjerição. Passar na cabeça e no corpo, também cheirar. Função: atuar na dor de cabeça.
		Fl	Mh	Aplicar Cheirar	Colocar a folha verde no álcool junto com a alfavaca e com o manjerição. Passar nos pulsos, nos pés, na moleira e cheirar também. Função: tratamento para convulsão.
		Pl	Mi	Proteger	Cultivar em casa. Função: Proteger da maledicência e do “olho ruim”.
Cedro	Ywyràkàxigyw	Fo	Ma	Repelir	Colocar as folhas verdes trituradas nos ninhos dos galinheiros e nos cantos da casa. Função: espantar as pichilingas.
Capim de cheiro/Capim santo	ka’api’i	Pl	Ah	Beber	Chá com açúcar, no lugar do café
		Pl	Mh	Beber	Chá. Função: aliviar dores de cabeça.
Capim Mombaça	Agwer ma’ea’yr u’u ka’api’i	Pl	Aa	Comer	Formar pastos destinado ao gado.
Capim braquiária Capim braquiariinha		Pl	Aa	Comer	Formar pastos destinado ao gado.
Cana de açúcar roxa	Kàn	Tr	Ah	Comer	In natura
		Fo	Ma	Beber	Chá da folha amarelada. Função: aliviar dor no momento de urinar.
Vassourinha	ty peir haw	Ra	Mh	Beber	Triturar no liquidificador ou pisar. Misturar com água. Função: tratamento de infecção urinária. Chá sem açúcar. Função: expelir pedras dos rins.
Romã	s/t	Fr	Ma	Beber	In natura ou sua casca é deixada de molho na água e a ingestão é feita quando a água ficar tonalizada. Usada no tratamento de inflamação de garganta.
Jenipapo	Zanypaw	Fr	Ri	Pintar	Ralar a casca do fruto, levando a massa obtida ao fogo. Colocar a massa em um tecido e espremer, para retirar o líquido. Ferver esse líquido, até ele ficar bem preto. Função: proteção, pintura corporal.

Café	Ypyhunu	Se	Ah	Beber	Preparar o pó de café a partir da semente torrada.
Noni	s/t	Fr	Mh	Beber	Fazer suco. Tomar diariamente. Função: tratamento de inflamação no útero.
Laranja	Nàràz	Fr	Ah	Comer	In natura. Laranja da terra, preferencialmente suco.
Laranja comum		Fr	Mh	Beber	Colocar a casca da laranja da terra de molho na água. Tomar o líquido. Função: tratamento de colesterol alto e diabetes.
Laranja-da-terra					
Laranja enxertada					
Lima	s/t	Fr	Ah	Comer	In natura.
Limão	Rimàw	Fr	Ah	Beber	In natura ou suco ou adicionar no preparo de alimentos.
Limão tanja		Fr	Mh	Beber	In natura ou suco, o limão comum. O limão tanja deve cortar o fruto em cruz. Colocá-lo para ferver juntamente com alho ou fazer suco. Função: tratamento da gripe, tosse.
Tangerina	nàraz kàxig	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fo	Mh	Beber	Chá. Função: controle da pressão alta.
Pitomba	Pytom	Fr	Ah	Comer	In natura.
		Fr	Aa	Comer	In natura. Atrair os animais-caça, principalmente a cutia, determina os locais de espera do caçador.
Pimenta de cheiro	taz nekwen	Fr	Ah	Comer	Colocar na preparação de alimentos, e in natura.
Pimenta malagueta	Taz	Fr	Ah	Comer	In natura.
Pimenta malagueta grande		Fr	Mi	Pendurar	Amarrar o fruto em uma linha e colocá-lo na pessoa e ou no animal picado de cobra. Função: mística
Pimentão	taz uhu	Fr	Ah	Comer	In natura e para temperar comida.
Tomate	s/t	Fr	Ah	Comer	Colocar no preparo de alimentos.
Tabaco	Petym	Fl	Pa	Fumar	Secar a folha na sombra até murchar. Tirar o talo e enrolar, várias vezes, até a folha ficar durinha. Cortar para fazer o fumo de corda.
		Fl	Mh	Friccionar	Triturar a folha verde. O sumo sozinho ou misturado na cachaça, deve ser friccionado no cabelo. Função: combater piolhos.
		Fl	Mh	Aplicar	Colocar a folha seca e curtida, no umbigo inchado da criança nova. Função: anti-inflamatório.
		Fl	Ma	Repelir	Folha amarela, a folha seca, é colocada nos ninhos das galinhas, para espantar as pecheringas.

Fonte: Pesquisa de campo 2018 - 2022.

Legenda: Pu: Parte utilizada; Ar: Árvore; Tr: Tronco/Ca: Caule; Fl: Flor; Fo: Folha; Fr: Fruto; Ma: Madeira; Pl: Planta total; Pf: Pseudofruto; Ra: Raiz; Re: Resina; Se: Semente; Tu: Tubérculo. Us: Uso; Ah: Alimentação humana; Aa: Alimentação animal; Al: Alucinógeno; Co: Combustível; Cr: Construção; Mh: Medicinal humano; Mi: Místico; Ma: veterinário; Pa: Produto artesanal/utensílio; Pc: Produto cosmético; Pr: Produto de limpeza; Ri: Ritual; Fu: Forma de Uso; Mp: Modo de Preparo; Mo: Modo de Obtenção.

De acordo com o Quadro 1, a maior quantidade de etnovarietades entre as etnoespécies encontradas nos quintais pesquisados foi a de manga (10), seguida de banana (9), caju (7), mamão (4), mandioca (4), fava (4), laranja (4), batatas (3), cebolinha (3), coco (2), folha grossa (2), cipó (2), macaxeira (2), boldo (2), goiaba (2), maracujá (2), gergelim (2), capim braquiária (2), limão (2), pimenta malagueta (2).

Os cultivares são utilizados na sua totalidade e/ou a partir de suas partes: folha; tronco/caule; flor; fruto; pseudofruto; raiz; resina; semente e tubérculo. Dentre as partes usadas da planta, se sobressaem os frutos, as folhas e o tronco/caule. As várias partes, de uma mesma planta, podem ter tipos de usos diversos.

Semelhante a outros grupos indígenas os Tentehar se apropriaram de saberes sobre o processo de domesticação de plantas, os modos de uso, de preparo e de obtenção e os fazem para diferentes finalidades: alimentação humana e animal, alucinógeno, combustível, construção civil, medicinal humano, místico, veterinário, produto artesanal/utensílio, produtos cosméticos, produtos de limpeza, ritual, abortivo, condimentares e repelentes, como espantar pechirings, dentre outros. A concentração e a abrangência de usos dos cultivares estão voltadas para fins medicinais e alimentícios. Corroborando com Posey (1986) e Vasco-dos-Santos et al. (2018) os saberes sobre as plantas tradicionais e seus usos adquiridos entre os indígenas são transmitidos principalmente por via oral.

Há uma diversidade de castanhas de caju cultivadas na aldeia, como a do caju amarelo comprido, do caju amarelo maçã, do caju amarelo arredondado, do caju banana amarelo e do caju vermelho em formatos comprido e redondo. A produção é voltada majoritariamente para o consumo, sem fins comerciais, mas a castanha de caju, às vezes é destinada à venda. Os pseudofrutos, os caju são compartilhados entre os membros da comunidade, reforçando os laços sociais e a autonomia alimentar.

Sementes e mudas de plantas são trocadas entre os moradores e também trazidas de outras aldeias, ou até mesmo de supermercados. Os cultivares são manejados sobretudo por mulheres, que desempenham um papel central na manutenção da agrobiodiversidade de quintais. Mota et al. (2021, p. 23) inferem que são as mulheres em geral as “as principais detentoras dos conhecimentos sobre a produção de alimentos e suas formas de preparação, por sua condição de responsáveis pelos cuidados da família, incluindo a alimentação”.

Para Amorozo (2002), os quintais têm características de repositórios de germoplasma, ou seja, de diversidade genética de plantas. A autora destaca que em um mesmo quintal pode abrigar mais de 100 tipos diferentes de plantas, principalmente com usos alimentares e também

medicinais. As plantas frutíferas e as medicinais são normalmente as mais preponderantes, dado os vários tipos de cajueiros, de mangueiras e outros cítricos.

O manejo de quintais na aldeia pesquisada é mantido por gerações e reforça os laços sociais e de parentesco, permitindo o compartilhamento de plantas, mudas e conhecimentos, fortalecendo vínculos sociais, rituais, tradicionais e de parentesco e mantendo espaços de convivência social e familiar. Assim, desempenham um papel reconhecido no sistema alimentar dos seus moradores e funcionam como reservatórios de agrobiodiversidade.

Dos usos das plantas com fins medicinais destacam-se: o tratamento para o combate à gripe, resfriado, tosse, pneumonia, inflamação de garganta, problema de visão, osso quebrado, circulação, diarreia, câibra de sangue, ferimentos, pós-operatório, anti-inflamatório, gordura no fígado, resguardo quebrado, controle da pressão arterial, controle do colesterol, problemas no coração, convulsão, derrame ou acidente vascular cerebral (AVC), dores de cabeça, infecção urinária, inflamação nos rins, erisipela, insônia, evitar aborto, e combate a piolho, dentre outros. Os tratamentos são na forma de beberagens, via oral, banhos com lavagem da cabeça, do rosto e do corpo, aplicação sobre o local enfermo, bochechos, massagens, gargarejos, inalação, fricção, conta-gotas e outros.

Cabe ressaltar que, das plantas utilizadas no tratamento de saúde do povo Tentehar algumas delas são de interesse ao Sistema Único de Saúde (SUS) e constam na Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS (RENISUS), tais como o - Alho (*Allium sativum* L.), a Babosa (*Aloe barbadensis* Mill.), o Caju (*Anacardium occidentale* L.), a Goiaba (*Psidium guajava* L.), a Romã (*Punica granatum* L.) e a Aroeira (*Schinus terebinthifolia*) (Brasil 2023, 2019)⁴.

Os modos de preparo no uso medicinal vão desde os chás, garrafadas, sumos, lambedores, xaropes, colírios, leite *in natura*, azeites, banhos com lavagem de cabeça e compostos (parte da planta mais aguardentes e/ou vinho/álcool), dentre outros. Na alimentação o fruto é consumido *in natura*, assados, cozidos, fritos, triturados, na forma de refrescos, sucos, vitaminas, doces, bolos, beijos, farinhas, mingaus, temperos e/ou condimentos. Nos modos de uso e de preparação das plantas e de seus componentes, estão presentes os processos de: curtir, assar, cozer, torrar, triturar, raspar, ralar, pisar, macerar, esmagar, vinhar, peneirar, misturar, secar, picar, aquecer, murchar, amornar, cortar em cruz, dentre outros.

Nos modos de obtenção de produtos e subprodutos a partir de plantas manejadas destacamos a extração do látex e/ou líquidos com cortes/lascas no tronco das árvores, como no pé de moreira, de manga, de mutamba e de caju; a extração do leite e do azeite da castanha-de-caju; a extração do leite do caroço de algodão; o raspar das cascas e/ou entrecascas do tronco de cajá; o raspar da casca do fruto do jenipapo e do jatobá; a retirada da casca de troncos como, o de angico, de manga e de azeitona; o arrancar dos brotos dos pés de goiaba, dentre outros.

Para Lima (2018, p. 160) os agricultores não criam seus cultivares em ambientes vazios, pois as plantas têm agencialidades, têm histórias, desejos, pensamentos, linguagem, ou seja,

⁴ Ver sobre essa discussão em: Santos e Carvalho (2018) a Relação Nacional de Plantas Medicinais de interesse ao SUS (RENISUS), expectativa de um diálogo entre os saberes tradicionais e os saberes científicos.

“as plantas têm vontades e estados de ânimo, linguagem, pensamento e socialidade: uma forma própria de andar e de se reproduzir, histórias, cantos, manifestações estéticas e rituais”. Santilli (2015) considera que as plantas sejam como um bem cultural e como sujeitos sociais que estão associadas a diversos domínios da vida.

Entre os Tentehar as plantas têm ciência. O pé de moreira (Figura 4), para que se obtenha o leite do seu tronco, ou seja, sucesso na retirada do seu látex, de uso medicinal, o humano que interage com a planta deve se comportar de acordo com a vontade da espécie.



Assim, a pessoa

deve permanecer em

Figura 4: Caule do pé moreira e marcas de cortes.

Fonte: Pesquisa de campo (2018-2021).

Créditos: Neusani Ives-Felix (2022).

silêncio desde o seu despertar de manhãzinha até a coleta do leite, e não olhar para a copa da árvore, caso contrário, a planta se negará a brotar o látex. O pé de cojuba (Figura 5) guarda interação complexa com as mulheres. O comportamento dessa planta pode revelar segredos, e, influenciar no futuro de uma mulher que deseja engravidar. Maria do Toró explica que: “se uma mulher buchuda em segredo passar debaixo do pé de cojuba carregado de frutos, todos caem”. E, se a pretensão da grávida for de ocultar esse estado deverá evitar aproximação com a referida planta. Noutra vertente, se uma mulher pretende engravidar não poderá caminhar por debaixo das galhas do pé de cojuba. O modo como o humano age interfere na conduta dessa planta, às suas reações.



Figura 5: O pé de cojuba

Fonte: Pesquisa de campo (2018-2021).

Créditos: Neusani Ives-Felix (2022).

O fruto do pé de cojuba tem outros fins de usos, de acordo com as interlocutoras a cojuba (polpa e semente) tem efeito abortivo, tema complexo de ser abordado entre elas, pois há interditos, acusações.

O tipi (Figura 6) é outra planta que tem comportamento peculiar, a interlocutora relata que ela se comporta da seguinte forma:

Aqui têm dias que ele amanhece fedendo. O pessoal mais velho fala que quando o pé de tipi fica fedendo é porque tem alguém falando do dono. O tipi é muito bom ter em casa, por causa de olho ruim, por causa de invejosos. Tudo ele tira! Aqui nasce muito no inverno. O tipi já veio do branco, esse aqui já tem muito tempo que trouxemos, [...], um amigo meu trouxe lá da cidade do Sítio Novo. (Maria do Toró, 2019).



Figura 6: Pé de tipi

Fonte: Pesquisa de campo (2018-2021).

Créditos: Neusani Ives-Felix (2022).

Dentre as plantas de quintais Tentehar que aparecem como agentes de ciência destacamos o pé de moreira que impõe sobretudo silêncio do humano para o sucesso na retirada do leite de seu caule; o tipi outro agente de fala que avisa ao seu dono quando este corre algum tipo de perigo, liberando o seu odor forte; e por fim, o pé de cojuba que revela interditos humanos. Desta maneira, os quintais aparecem como espaços de negociação entre humanos e não humanos, um imbricamento de interações entre interespecies, em que um mundo intersubjetivo de plantas e de pessoas é revelado (Silveira 2016).

Considerações Finais

As variedades de plantas manejadas nos quintais da Aldeia Olho D'Água contribuem para a segurança alimentar do grupo e para o sistema de cura local. O conjunto de etnovariabilidade de cultivares, suas finalidades, modos de preparo e de usos, descritos aqui, revelam os saberes Tentehar sobre as plantas, sobre o sistema de tratamento de suas enfermidades e sobre seus sistemas alimentares. A interação Tentehar com as plantas revela certa dependência desse grupo com os agroecossistemas ao seu entorno e uma *expertise* técnica e especializada no que se refere aos conhecimentos tradicionais ecológicos, seja no tratamento da saúde e/ou na alimentação.

A mulher Tentehar tem um lugar preponderante no manejo dos quintais e das roças. Portanto, o conjunto de plantas cultivadas em quintais da aldeia, é cuidado, sobretudo, por mulheres. Assim, como as interlocutoras desse trabalho, as mulheres têm sido protagonistas em atividades produtivas sustentáveis, como no manejo de quintais, de roças, de pesca e na produção

e preparação de alimentos, e, sua visibilização como agente ativa na produção econômica, e, de seu papel de mantenedores de agrobiodiversidade precisa ser enfatizado.

No espaço do quintal Tentehar as intersubjetividades das espécies interagem com seus moradores, as plantas têm donos, têm espíritos (*àrabin/Ma'aiwa wazar*), não-humanos que estabelecem uma relação de negociação com os humanos, têm condutas próprias e influenciam no modo de agir daqueles que interagem com eles. Os quintais são lugares de experiências, simbólicos, dotados de valor, de códigos e de regras, que se entrelaçam com as múltiplas interações que nele coexistem, entre os seres visíveis e não visíveis, interações socioculturais estabelecidas em um *continuum* humanos e não-humanos (Descola 1997). Alicerçadas em uma cosmovisão onde não há uma separação do mundo das coisas e o mundo dos humanos, pois esses mundos se encontram em uma rede de interações heterogêneas, mundos que estão imbricados (Latour 2019).

A multifuncionalidade dos quintais Tentehar aparece ora como parte de um sistema de reprodução sociocultural e econômico; ora como um modo particular de manutenção de formas de vida, de saberes e de práticas de manejo para conservação da agrobiodiversidade - com uma variedade de cultivares; ora como promotora de segurança alimentar e nutricional e de saúde.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão - FAPEMA, pela concessão de bolsa de doutoramento à primeira autora. Aos povos indígenas Tentehar que nos acolheram e compartilharam seus saberes sobre plantas de quintais.

Referências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luis Vital Fernandes Cruz. Métodos e técnicas de coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino. de; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva de; CUNHA, Luis Vital Fernandes Cruz. (Orgs.). Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. Recife: NUPPEA, 2010. p. 41-64.
- ALMEIDA, Larissa Santos de; GAMA, João Ricardo Vasconcelos. Quintais agroflorestais: estrutura, composição florística e aspectos socioambientais em área de assentamento rural na Amazônia brasileira. *Ciência Florestal*, Santa Maria, v. 24, n. 4, p. 1041-1053, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5902/1980509816617>.
- ALMEIDA, Rita Heloísa. O diretório dos índios: um projeto de civilização no Brasil do século XVIII. Brasília: UnB, 1997.
- ALMEIDA, Emerson Rubens Mesquita. Nas “Redes” dos “parentes” Tentehar: liderança indígena e estratégias de ocupação política em processos educativos, In: 29ª Reunião Brasileira de Antropologia: diálogos antropológicos expandindo fronteiras, Natal/RN, 2014. Disponível em: <https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401470963_ARQUIVO_Nasredesdoparentestentehar.pdf> Acesso em: 06/04/2025.
- AMARAL, Cleomara Nunes. Multifuncionalidade e etnoecologia dos quintais de agricultores tradicionais

- da baixada Cuiabana: Agrobiodiversidade e segurança alimentar. 2014. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- AMOROZO, Maria Christina de Mello. Agricultura tradicional, espaços de resistência e o prazer de plantar. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. Ângelo Giuseppe; SILVA, Ana Caroline Borges; SILVA, Valdeline Atanazio (Orgs.). Atualidades em etnobiologia e etnoecologia. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002. p. 123-131.
- CARL, Harisson.; HARRISON, Carole. Dicionário Guajajara-Português. Anápolis: Associação Internacional de Linguística SIL – Brasil, 2013. Disponível em: https://www.sil.org/system/files/reapdata/14/15/80/141580492686378971823968698096869774884/Dicionario_Guajajara_Portugues.pdf. Acesso em: 06/04/2025.
- CUNHA, Celso. Língua, Nação, Alienação. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- DESCOLA, Phillipe. Ecologia e Cosmologia. In: CASTRO, Edna.; PINTON, Florence. (Orgs.). Faces do trópico úmido: conceitos e questões sobre o desenvolvimento e meio ambiente. Belém: UFPA/NAEA, 1997. p. 243-261.
- EMPERAIRE, Laure.; ELOY, Ludivine. A cidade, um foco de diversidade agrícola no Rio Negro (Amazonas, Brasil)? Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, v. 3, n. 2, p. 195-211, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222008000200005>.
- FERREIRA, Tatiana Braga.; SABLAYROLLES, Maria das Graças Pires. Quintais agroflorestais como fontes de saúde: plantas medicinais na comunidade de Vila Franca, Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará. Revista Brasileira de Agroecologia, v. 4, n. 2, p. 3159-3162, 2009.
- GOMES, Mércio Pereira. O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade. Petrópolis: Vozes, 2002. 631p.
- GONÇALVES, Rita Cássia.; LISBOA, Teresa Kleba. Sobre o método da história oral em sua modalidade de trajetórias de vida. Revista Katálysis, v. 10, p. 83-92, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300009>.
- INGOLD, Tim. The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. Londres: Routledge, 2000.
- LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica. 4. ed. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2019.
- LIMA, Ana Gabriela Morim. de. Etnografia das roças Krahô: a vida sócio-ritual das plantas e a estética da diversidade. In: LIMA, Ana Gabriela Morim de; SCARAMUZZI, Igor; OLIVEIRA, Joana Cabral de. Práticas e saberes sobre a agrobiodiversidade: a contribuição de povos tradicionais. IEB Mil Folhas, 2018. p. 155-180.
- LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Série Antropologia (174). Brasília: Departamento de Antropologia. 2002.
- MEKONEN, Tefera.; GIDAY, Mirutese.; KELBESSA, Ensermu. Ethnobotanical study of homegarden plants in Sebeta-Awas District of the Oromia Region of Ethiopia to assess use, species diversity and management practices. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, v. 11, n. 64, p. 1-13, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1186/s13002-015-0064-1>.

doi.org/10.1186/s13002-015-0049-8.

MELATTI, Julio Cezar. Índios do Brasil. São Paulo: USP, 2007.

MOTA, Dalva Maria da; SILIPRANDI, Emma; PACHECO, Maria Emília Lisboa. Biodiversidade, cultura alimentar e agroecologia: reflexões sobre as contribuições das mulheres rurais para a soberania e segurança alimentar e nutricional. In: Soberania Alimentar: biodiversidade, cultura e relações de gênero. Brasília: Embrapa, 2021. Coleção Transição Agroecológica, v. 5. 391 p.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (Org.). O Trabalho do Antropólogo. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 17-35.

PEIXOTO, Lanna Beatriz Lima. A mulher e seu quintal, caminhadas por um universo mágico-místico-transformacional. Campos, v. 20, n. 1, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5380/cra.v20i1.70019>.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos Orais: Do 'indizível' ao 'dizível'; Histórias de vida e depoimentos pessoais. Pesquisa em Ciências Sociais: olhares de Maria Isaura P. de Queiroz. São Paulo: Textos CERU, 2008. p. 7-14; 35-98.

ROBERT, Pascale.; GRACÉS, Claudia López.; LAQUES, Anne Elisabeth.; COELHO-FERREIRA, Márlia. A beleza das roças: agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempos de globalização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas, v. 7, n. 2, p. 339-369, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-81222012000200004>.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

SANTILLI, Juliana. O reconhecimento de comidas, saberes e práticas alimentares como patrimônio cultural imaterial. Demetra, v. 10, n. 3, p. 585-606, 2015. DOI: <https://doi.org/10.12957/demetra.2015.16054>.

SILVA, João Pereira da. Língua e inquisição no Brasil de Pombal. Rio de Janeiro: EdUEJ, s/d.

TEIXEIRA, Raquel Dias. "Todo lugar tem uma mãe: Sobre os filhos de Erepecuru". Revista Antropológicas, v. 17, n. 2, p. 117-146, 2006.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. O Marquês de Pombal e a implantação da língua portuguesa no Brasil. Reflexões sobre a proposta do Diretório de 1757. Disponível em: <http://filologia.org.br/anais/anais>. Acesso em: 22 set. 2023.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. O que nos faz pensar, v. 14, n. 18, p. 225-254, 2004.

WAWZYNIAK, João Valentim. "Engerar": uma categoria cosmológica sobre pessoa, saúde e corpo". Ilha, v. 5, n. 2, p. 33-55, 2003.

WOORTMANN, Ellen. Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades "pesqueiras" do Nordeste, 1992. Disponível em: <https://anpocs.org.br/1992/02/28/vol-7-no-18-rio-de-janeiro-1992/>. Acesso em: 10 nov. 2012.

ZANNONI, Cláudio. Conflito e Coesão: o dinamismo Tenetehara; CIMI: Brasília, 1999.

Recebido em: 20/01/2025

Aprovado em: 17/04/2025

Publicado em: 23/06/2025